



UNIVERSIDADE
DE VERÃO 2015
CASTELO DE VIDE, 24 A 30 DE AGOSTO

OS JOVENS E A POLÍTICA

**Um estudo do Centro de Sondagens e Estudos
de Opinião da Universidade Católica Portuguesa**

*ESTUDO ENCOMENDADO PELA PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA - JANEIRO DE 2008*



Universidade
Católica
Portuguesa



OS JOVENS E A POLÍTICA

**Um estudo do Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade
Católica Portuguesa**

Janeiro de 2008

Pedro Magalhães*
Jesus Sanz Moral**

*Director do Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa e Investigador Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

** Doutorando no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa



Principais conclusões:

As principais conclusões deste estudo, que tinha como objectivo recolher informação sobre as atitudes e comportamentos políticos dos jovens em Portugal, são as seguintes:

1. Quer de um ponto de vista quer absoluto quer comparativo, é notória a insatisfação dos portugueses com o funcionamento da democracia, assim como a existência de atitudes favoráveis a reformas profundas ou mesmo radicais na sociedade portuguesa. Contudo, entre os mais jovens (15-17 anos) e os jovens adultos (18-29 anos), essa insatisfação é algo menos pronunciada do que entre os mais velhos, assim como tendem a existir entre eles atitudes mais favoráveis (especialmente entre os mais jovens de todos) a reformas incrementais e limitadas na sociedade portuguesa.
2. De um ponto de vista quer absoluto quer comparativo, os portugueses evidenciam atitudes de baixo envolvimento com a política. A relação entre a idade e o grau de importância dada à (e interesse na) política é curvilínea, ou seja, menor entre os muito jovens e entre os mais velhos. Contudo, as diferenças entre os jovens adultos e o resto da população activa são reduzidas, o que faz com que, comparando exclusivamente, no contexto europeu, os indivíduos com idades entre os 18 e os 29 anos, as atitudes de envolvimento político dos jovens adultos portugueses escapem, do ponto de vista da sua intensidade, aos últimos lugares europeus.
3. Os jovens encontram-se menos expostos à informação política pelos meios de comunicação convencional do que o resto da população. E em geral – e não apenas aqueles que ainda não chegaram à idade do voto – os jovens tendem a exibir menores níveis de conhecimentos políticos.
4. Exceptuando o voto, a população portuguesa tende a ser céptica em relação à eficácia da participação política dita “convencional”, i.e, aquela que se dá através dos partidos e orientada para o processo eleitoral, em comparação com outras formas de participação. Os jovens seguem este padrão, mas com uma nuance importante: em geral – e mais uma vez exceptuando o voto – tendem a ser menos cépticos do que os mais velhos em relação à eficácia de todas as formas de participação política, convencionais ou não. Já no que diz respeito ao voto, a sua eficácia, do ponto de vista



- dos jovens, sofre a “concorrência” de outras formas de participação, especialmente a ligada ao associativismo e ao voluntariado.
5. Do ponto de vista dos comportamentos participativos, os jovens adultos também não se distinguem particularmente do resto da população activa, ao passo que os indivíduos com menos de 18 anos não se distinguem particularmente dos indivíduos com 65 anos ou mais. Esta curvilinearidade na relação entre a participação e a idade é expectável, mas os níveis de disponibilidade para a participação e de participação real dos mais jovens podem ser vistos como sendo comparativamente elevados tendo em conta a sua posição no ciclo de vida.
 6. São baixos, do ponto de vista comparativo, os níveis de pertença a associações e de dedicação ao voluntariado em Portugal (com excepção da participação em associações de cariz religioso). Dito isto, os índices de participação social dos jovens são mais elevados do que os da restante população, facto que não se deve exclusivamente à pertença a associações estudantis ou a grupos desportivos.
 7. Os portugueses são claramente favoráveis a medidas que aumentem a presença de mulheres na vida política, criem novos mecanismos de participação, personalizem o sistema eleitoral e introduzam mecanismos de democracia directa ou semidirecta. Esse apoio é mais intenso que no caso espanhol, traduzindo, eventualmente, a maior insatisfação dos portugueses com o funcionamento actual da sua democracia. Os jovens não se distinguem particularmente dos mais velhos a este nível, a não ser ao revelaram-se mais apoiantes da democracia directa.
 8. O posicionamento ideológico dos jovens tende a estar mais à direita do que a generalidade da população, mas aquilo que mais claramente os distingue é o facto de percepcionarem menor utilidade das categorias “esquerda” e “direita” na compreensão da vida política. Este maior “desalinhamento” ideológico também se reflecte num maior desalinhamento partidário.



Introdução

Este trabalho sintetiza os resultados de um inquérito por questionário realizado no final do mês de Outubro e início do mês de Novembro de 2007. O objectivo do inquérito era o de recolher informação sobre as atitudes e comportamentos dos jovens em Portugal, colocando-os, sempre que possível, num contexto comparativo com os jovens de outros países europeus (recorrendo a dados resultantes de inquéritos internacionais), num contexto longitudinal (recorrendo a dados de inquéritos realizados anteriormente em Portugal) e comparando também essas atitudes e comportamentos, naturalmente, com os de indivíduos pertencentes a outros grupos etários. O objectivo do relatório é o de descrever os resultados obtidos, fazendo um primeiro diagnóstico da situação. As relações detectadas entre a idade e algumas atitudes e comportamentos políticos carecem de análises multivariadas mais sofisticadas, que permitam controlar outros factores que podem estar por detrás delas para serem confirmadas. Futuras análises, aproveitando os dados recolhidos, poderão eventualmente ajudar a explicar e sustentar melhor os padrões encontrados.

Este estudo está dividido em oito partes:

1. Metodologia;
2. As atitudes em relação à sociedade e ao funcionamento do sistema político;
3. O envolvimento político: atitudes;
4. O envolvimento político: informação;
5. A participação política: atitudes e comportamentos;
6. A participação cívica e social;
7. Atitudes em relação a reformas políticas.
8. Alinhamentos ideológicos e partidários



1. Metodologia

O objectivo desta sondagem foi o de recolher informação sobre as atitudes e práticas dos jovens com o sistema político.

O universo é constituído pelos residentes no continente português com 15 ou mais anos. Para a selecção da amostra, foram definidos 44 pontos de amostragem, correspondentes a outras tantas freguesias. As freguesias foram seleccionadas aleatoriamente em cada região do Continente (NUTs II) tendo-se em atenção ainda a sua dimensão em termos de eleitores recenseados (mais ou menos de 3000). A unidade de sondagem foi a família. Na escolha das famílias seguiu-se um caminho aleatório sistemático, com passos definidos para a realização dos inquéritos. A determinação dos passos foi feita em função da dimensão da freguesia e do número de inquéritos que nela deviam ser realizados de modo a garantir a que toda ela fosse percorrida. Para garantir a aleatoriedade, a selecção do inquirido foi feita escolhendo, entre as pessoas do alojamento que pertencem ao universo, a última a ter feito anos. A amostra inicialmente pretendida era de 1800 inquéritos. Foram obtidos 1949 inquéritos válidos. Tendo em conta que foi realizada uma sobre-amostragem dos inquiridos com idades entre os 15 os 29 anos, todas as inferências são posteriores a uma ponderação da amostra, reestabelecendo a distribuição por sexo e escalão etário de acordo com a da população do Continente, na base dos dados da estimativa inter-censitária da população para 2006. A excepção, claro, é quando se apresentam frequências por escalão etário, onde procuramos aproveitar precisamente o facto de dispormos de uma sub-amostra de maiores dimensões dos jovens.

O instrumento de recolha da informação foi um inquérito estruturado, com perguntas fechadas. As entrevistas foram feitas por 163 colaboradores habituais do Centro de Estudos e Sondagens de Opinião, que receberam formação específica para este tipo de trabalho, sendo supervisionados por 44 coordenadores. As entrevistas foram realizadas a 27 e 28 de Outubro e 03 e 04 de Novembro de 2007.

O erro máximo de uma amostra aleatória com 1949 indivíduos e com um grau de confiança de 95% é de $\pm 2.2\%$.



2. As atitudes em relação à sociedade e ao funcionamento do sistema político

Num primeiro bloco de questões, procurava-se medir atitudes genéricas em relação ao regime político democrático e à sociedade portuguesa em geral.

Questionados sobre a forma como avaliam o funcionamento da democracia, os portugueses em geral avançam opiniões que, na média, tendem a ser mais pessimistas do que optimistas. Numa escala de 0 a 10, em que 0 significa “muito mal” e 10” muito bem”, a média é de 4,2, ou seja, abaixo do ponto central da escala. Para além disso, tendem a achar que, há dez anos, o funcionamento da democracia portuguesa era melhor. E as perspectivas que têm em relação ao futuro – apesar de nesse caso a dispersão de opiniões ser maior – traduzem uma limitada (apesar de estatisticamente significativa) progressão em relação ao presente, como se verifica no quadro 1.

Quadro 1. Avaliação funcionamento da democracia¹

	N	Média	Desvio padrão
Avaliação do funcionamento actual da democracia	1869	4,2	2,4
Avaliação do funcionamento da democracia há dez anos	1709	5,2	2,4
Expectativa sobre o funcionamento da democracia daqui a dez anos	1537	4,7	2,9

Contudo, é curioso verificar a existência de uma aparente relação linear entre a idade e a avaliação do funcionamento da democracia. Essa relação é negativa, ou seja, é nos escalões etários mais jovens que encontramos quer avaliações presentes mais positivas (ou menos negativas) quer maior optimismo em relação ao futuro, como se vê no quadro 2. Esse quadro revela também que os jovens em idade prévia ao direito de voto são o único grupo que faz uma avaliação actual mais positiva do que aquilo que imaginam seria o funcionamento da

¹ As perguntas no questionário eram: “Em geral, numa escala de 0 a 10, em que 0 significa muito mal e 10 muito bem, como acha que funciona actualmente a democracia em Portugal?”, “E, usando a mesma escala, como acha que funcionava há 10 anos?”, “E daqui a 10 anos, como acha que vai funcionar, na mesma escala que vai de 0, muito mal, a 10, muito bem?”



democracia há dez anos, opinião que naturalmente não resulta de experiência vivida mas sim de uma visão retrospectiva adquirida ao longo da sua posterior socialização política.

Quadro 2. Avaliação funcionamento da democracia por faixa etária.

Faixas etárias		Actualmente	Há dez anos	Daqui a dez anos
15-17 anos	Média	4,9	4,8	5,7
	<i>Desv. pad.</i>	2,0	2,4	2,8
18-29 anos	Média	4,7	5,2	5,3
	<i>Desv. pad.</i>	2,2	2,2	2,7
30-64 anos	Média	4,2	5,2	4,6
	<i>Desv. pad.</i>	2,5	2,3	2,9
65 anos e mais	Média	3,9	4,9	4,2
	<i>Desv. pad.</i>	2,6	2,6	3,0

Vale a pena contrastar estes resultados com os verificados noutros estudos recentes, onde se colocavam exactamente as mesmas questões. A baixa satisfação dos portugueses com a democracia e o seu pessimismo são bem evidentes do ponto de vista comparativo quando olhamos para o quadro 3. Em 2004, os portugueses contavam-se entre os europeus e cidadãos dos países mais desenvolvidos com uma pior avaliação do funcionamento da democracia, mostravam já uma percepção de declínio em relação ao passado recente e prognosticavam reduzidos progressos no futuro. De 2004 para cá, comparando os resultados no quadro 1 com os do quadro 3, a insatisfação terá crescido.



Quadro 3. Avaliação funcionamento da democracia em diferentes países (ISSP / 2004). Médias.

País	Actualmente	Há dez anos	Daqui a dez anos
Dinamarca	7,8	7,8	7,4
Chipre	7,3	6,2	8,2
África do Sul	7,1	5,1	-
Áustria	7,0	7,5	6,4
Nova Zelândia	6,9	6,8	6,6
Austrália	6,9	7,2	6,1
Suíça	6,9	7,3	6,2
Canadá	6,8	6,9	6,5
Finlândia	6,7	6,3	6,3
Noruega	6,7	7,0	6,1
Irlanda	6,7	6,0	6,9
Holanda	6,6	7,1	6,1
Estados Unidos	6,6	6,8	6,1
Suécia	6,4	7,0	5,7
Grã-Bretanha	6,1	6,2	5,6
Espanha	6,1	5,5	6,6
Uruguai	6,1	6,0	6,8
Alemanha Ocidental	6,0	6,8	5,3
Israel	5,7	6,3	5,7
Portugal	5,7	6,0	6,1
Coreia do Sul	5,7	3,9	7,3
Chile	5,6	4,3	6,9
França	5,6	5,9	4,8
Taiwan	5,5	4,7	6,2
Japão	5,4	5,7	5,1
Republica Checa	5,3	4,7	5,9
Venezuela	5,3	5,9	6,3
Filipinas	5,2	5,9	5,5
Brasil	5,2	4,8	6,1
Eslovénia	5,0	5,1	5,5
Hungria	5,0	4,5	6,3
México	4,9	3,8	5,8
Letónia	4,9	3,8	6,7
Alemanha Oriental	4,9	5,8	4,3
Rússia	4,6	3,4	5,6
Polónia	4,2	3,9	6,0
Eslováquia	4,2	4,1	5,1
Bulgária	3,1	3,0	5,8



Contudo, há um aspecto particularmente curioso destes resultados que se torna evidente na comparação com o caso espanhol. Entre a generalidade da população, a satisfação com o funcionamento da democracia, a percepção de progressos nessa matéria e o optimismo em relação ao futuro são bem maiores em Espanha do que em Portugal, como se verifica no quadro 3. Contudo, em contraposição total com os dados portugueses, os jovens espanhóis são mais críticos em relação ao presente e mais pessimistas em relação ao futuro do que os indivíduos pertencentes a escalões etários superiores, como se verifica no quadro 4. Por outras palavras, em Portugal, apesar das avaliações tendencialmente negativas e pessimistas que prevalecem nestas matérias, é entre os mais jovens que encontramos menor insatisfação e maior optimismo, ao contrário do que sucede em Espanha.

Quadro 4. Avaliação funcionamento da democracia em Espanha (ISSP / 2004).por faixa etária.
Médias.

Faixas etárias	Actualmente	Há dez anos	Daqui a dez anos
18 a 29 anos	5,9	5,2	6,2
30 a 64 anos	6,3	5,7	6,8
65 i mais anos	6,1	5,5	6,5
Total	6,1	5,5	6,6

Esta menor insatisfação com o funcionamento do regime democrático dos jovens em Portugal em comparação com os mais velhos é espelhado pelas atitudes em relação à sociedade. Como se verifica no quadro 5, a maioria dos portugueses defende que a sociedade actual necessita de “reforma profundas” ou mesmo, para um em cada cinco, de “mudanças radicais”.



Quadro 5 Opinião sobre a sociedade actual. Frequências².

	Frequência	Percentagem
Está bem como está	64	3,3
Pode melhorar com pequenas mudanças	462	24,0
Necessita de reformas profundas	919	47,6
Dever ser radicalmente mudada	442	22,9
Ns	34	1,8
Nr	8	,4
Total	1930	100

Contudo, entre os mais jovens, essas opiniões são algo menos prevaletentes. Isso é claramente o caso com o contingente daqueles que têm menos de 18 anos, que formam deste ponto de vista um grupo à parte dos restantes. Entre eles, como se vê no quadro 6, aqueles que defendem “reformas profundas” ou “mudanças radicais” não estão em maioria, ao contrário do que sucede nos restantes grupos. Entre os que têm 15 ou 17 anos, a resposta mais frequente é a ideia de que a sociedade portuguesa pode “melhorar com pequenas mudanças”. Mas mesmo entre os restantes, a defesa de “reformas profundas” em desfavor de “pequenas mudanças” tende a ser ligeiramente maior quanto mais velho o inquirido.

Quadro 6 Opinião sobre a sociedade actual. Frequências segundo fixa etária.

	Grupos etários			
	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais
Está bem como está	6,2	2,5	2,7	4,8
Pode melhorar com pequenas mudanças	44,3	29,6	21,5	20,2
Necessita de reformas profundas	27,8	43,6	49,3	51,9
Dever ser radicalmente mudada	20,1	24,2	24,3	19,2
Ns	1,5	,2	1,9	2,9
Nr			,3	1,0
Total	100	100	100	100

² A pergunta no questionário era: “Pensando na sociedade em que vivemos, com qual destas quatro opiniões está mais de acordo?”



Vale a pena comparar estes resultados com os obtidos em Espanha num estudo recente, no quadro 7. Também aqui se verifica que os mais jovens são os menos defensores de mudanças “radicais” ou até “profundas”, partilhando mais a ideia de que mudanças pequenas e incrementais serviram para melhorar os problemas sociais. A diferença, contudo, é que essa opinião prevalece, em Espanha, também entre os jovens adultos, ao passo que em Portugal ela domina apenas no escalão dos que têm entre 15 e 17 anos.

Quadro 7. Opinião sobre a sociedade actual. Frequências jovens espanhóis por faixa etária (Estudo CIS nº2609 / 2005)

	Faixas etárias		Total
	de 15 a 17 anos	de 18 a 29 anos	
Está bem como está	7,2	2,7	3,5
Pode melhorar com pequenas mudanças	50,2	41,9	43,3
Necessita de reformas profundas	31,7	47,6	44,8
Dever ser radicalmente mudada	5,2	6,6	6,4
Ns/Nr	5,6	1,2	2,0
Total	100	100	100

Em suma:

- quer de um ponto de vista absoluto quer relativo, é notória a insatisfação dos portugueses com o funcionamento da democracia, assim como a existência de atitudes favoráveis a reformas profundas ou mesmo radicais na sociedade portuguesa;
- entre os jovens e jovens adultos, essa insatisfação é menos pronunciada do que entre os mais velhos, assim como tendem a existir atitudes mais favoráveis (especialmente entre os mais jovens de todos) a reformas incrementais e limitadas na sociedade portuguesa.



3. O envolvimento político: atitudes

Um outro bloco de questões media um conjunto de atitudes associadas à importância que é subjectivamente atribuída pelos cidadãos à política. No quadro 8, é fácil detectar que, entre os diferentes aspectos avançados, aquele que os inquiridos afirmam ter menos importância na sua vida é a política, em contraste com a família, os amigos, o trabalho ou os tempos livres.

Quadro 8: Importância na vida de diferentes aspectos. Frequências³.

	Nada	Pouco	Bastante	Muito	Ns/Nr	Total	Média*
A família	0,1	0,5	9,8	89,4	0,3	100	3,9
Os amigos	1	3,9	27	67,9	0,2	100	3,6
Os tempos livres	1,5	8,8	42,5	46,2	1,1	100	3,4
A política	29,4	37,4	20,6	11,8	0,9	100	2,2
A religião	9,4	25,4	32	32,4	0,9	100	2,9
O trabalho	1,8	3,1	29	64,9	1,2	100	3,6
O voluntariado	4,4	12,6	38,4	42,1	2,5	100	3,2

* Tem-se calculado a média aritmética atribuindo os seguintes valores: Nada=1, Pouco=2, Bastante=3, Muito=4.

Os resultados em nada surpreendem desse ponto de vista. O mesmo padrão é encontrado na generalidade dos países europeus, como se verifica nos quadros 9.1 e 9.2, que mostram os resultados de estudos comparativos de 2002 e 2004. Há, no entanto, diferenças a assinalar. Por um lado, enquanto em Portugal (e em muitos outros países) a religião tem para os cidadãos, em média, uma importância maior do que a política, o mesmo não sucede noutros países europeus, tais como a Holanda, a Dinamarca, a Suécia, a Noruega o Luxemburgo ou a Alemanha. Por outro lado, em termos relativos, Portugal era, em 2002 e 2004, um dos países europeus onde os cidadãos atribuíam menos importância à política nas suas vidas. Os dados do inquérito de 2007 autorizam a ideia de que essa importância poderá ter crescido ligeiramente, mas situa-se ainda a níveis muito baixos, semelhantes aos encontrados nos países menos desenvolvidos e nas democracias mais recentes.

³ A pergunta no questionário era: "Para começar, gostaria que nos dissesse que importância tem para si cada um dos seguintes aspectos na sua vida".



Quadro 9.1 Importância na vida de diferentes aspectos. Médias por país (ESS / 2002).
Ordem decrescente segundo “a política”.

Pais	A família	Os amigos	Os tempos livres	A política	O trabalho	A religião	As organizações de voluntariado
Holanda	3,5	3,4	3,3	2,4	2,8	2,2	2,3
Alemanha	3,7	3,5	3,2	2,3	3,1	1,9	2,0
Grécia	3,9	3,6	3,2	2,3	3,6	3,5	2,3
Áustria	3,7	3,6	3,3	2,3	3,1	2,3	2,1
Dinamarca	3,9	3,6	3,4	2,3	2,9	2,0	1,9
Israel	3,9	3,5	3,2	2,2	3,3	2,6	2,5
Luxemburgo	3,9	3,6	3,6	2,2	3,4	2,1	2,9
Suiça	3,8	3,5	3,2	2,2	3,2	2,2	2,3
Itália	3,8	3,2	3,2	2,1	3,4	2,8	2,8
Noruega	3,8	3,6	3,3	2,1	3,1	1,9	2,1
Suécia	3,9	3,6	3,4	2,1	3,1	1,8	2,0
Bélgica	3,7	3,4	3,2	2,0	3,2	2,1	2,3
Irlanda	3,9	3,7	3,3	2,0	2,9	2,7	2,2
Polónia	3,9	3,3	3,1	2,0	3,4	3,0	1,8
Finlândia	3,8	3,6	3,4	1,9	3,2	2,4	2,1
França	3,7	3,3	3,0	1,9	3,1	2,0	2,2
Reino Unido	3,9	3,5	3,2	1,9	2,5	2,0	1,9
Hungria	3,9	3,1	3,1	1,9	3,1	2,1	1,5
Espanha	3,8	3,4	3,3	1,9	3,2	2,3	2,5
Portugal	3,9	3,5	3,1	1,8	3,2	2,6	2,5
Republica Checa	3,8	3,4	3,1	1,8	3,0	1,7	1,8
Eslovénia	3,9	3,5	3,4	1,8	3,4	2,2	2,2

(Escala recodificada de 1 a 4: 0,1,2=1; 3,4,5=2; 6,7,8=3; 9,10=4)



Quadro 9.2 Importância na vida de diferentes aspectos. Médias por país (Eurobarometer 62.2 / 2004).
(ordem decrescente segundo “a política”)

Pais	A família	Os amigos	Os tempos livres	A política	A religião	O meu trabalho *	O voluntariado
Holanda	3,8	3,8	3,6	2,9	2,5	3,5	3,0
Dinamarca	3,9	3,7	3,5	2,7	2,2	3,5	2,5
Suécia	3,9	3,7	3,6	2,6	2,1	3,5	2,9
Luxemburgo	3,9	3,6	3,6	2,6	2,5	3,7	2,9
Alemanha Ocidental	3,8	3,6	3,2	2,6	2,5	3,4	2,4
Grécia	4,0	3,7	3,4	2,5	3,5	3,8	3,1
Chipre	3,9	3,6	3,6	2,5	3,7	3,8	2,9
Grã-Bretanha	3,9	3,8	3,5	2,4	2,4	3,5	2,5
Bélgica	3,8	3,5	3,5	2,4	2,4	3,5	2,9
Itália	3,7	3,4	3,4	2,4	3,0	3,5	2,9
Alemanha Oriental	3,9	3,5	3,3	2,3	1,7	3,6	2,2
França	3,8	3,5	3,5	2,3	2,2	3,4	3,0
Lituânia	3,8	3,2	3,2	2,3	2,7	3,6	2,7
Áustria	3,8	3,5	3,4	2,3	2,4	3,5	2,5
Irlanda do Norte	3,9	3,8	3,5	2,2	3,0	3,5	2,6
Irlanda	3,9	3,8	3,4	2,2	2,9	3,5	2,5
Roménia	3,9	3,1	3,1	2,2	3,4	3,5	2,1
Finlândia	3,9	3,7	3,5	2,2	2,6	3,5	2,7
Polónia	3,9	3,3	3,2	2,2	3,2	3,6	2,7
Eslovénia	3,9	3,7	3,5	2,2	2,6	3,6	2,9
Letónia	3,8	3,4	3,2	2,1	2,5	3,6	2,5
Espanha	3,9	3,6	3,5	2,1	2,3	3,5	3,1
Estónia	3,8	3,4	3,3	2,1	2,3	3,5	2,2
Malta	3,9	2,9	3,5	2,1	3,6	3,7	2,9
Bulgária	3,9	3,5	3,2	2,1	2,5	3,7	2,5
Republica Checa	3,9	3,5	3,2	2,0	2,0	3,5	2,5
Hungria	3,9	3,3	3,2	1,9	2,4	3,5	1,9
Eslováquia	3,9	3,4	3,2	1,9	2,6	3,7	2,4
Portugal	3,8	3,6	3,3	1,9	2,9	3,6	2,5

Tem-se calculado a média aritmética atribuindo os seguintes valores: Nada=1, Pouco=2, Bastante=3, Muito=4;

* A categoria “o meu trabalho” foi respondida só pelas pessoas trabalhadoras

Em que medida se distinguem os jovens destes padrões encontrados para a generalidade da população? O quadro 10 sugere que se distinguem por dar ainda menos importância à política que a generalidade da população. Isso é especial e compreensivelmente verdade para o escalão 15-17 anos, indivíduos ainda não integrados no mercado de trabalho e sem direito de voto. Há, de resto, uma aparente curvilinearidade na relação entre a idade e a importância



dada à política, que sugere a relação entre a integração no mercado de trabalho e esse indicador. Contudo, importa notar que não há diferenças estatisticamente significativas na importância dada à política entre o escalão 18-29 anos e o resto da população activa.

Quadro 10. Importância na vida de diferentes aspectos. Médias segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos
A família	3,8	3,9	3,9	3,9
Os amigos	3,7	3,7	3,6	3,6
Os tempos livres	3,5	3,4	3,4	3,3
A política	1,9	2,2	2,2	2,1
A religião	2,5	2,5	2,9	3,3
O trabalho	3,4	3,5	3,7	3,5
O voluntariado	3,2	3,2	3,3	3,1

* Tem-se calculado a média aritmética atribuindo os seguintes valores: Nada=1, Pouco=2, Bastante=3, Muito=4

Um outro indicador frequentemente utilizado para estes fins é o do “interesse pela política” subjectivamente manifestado pelos cidadãos. No nosso inquérito, 68,5% dos inquiridos afirma interessar-se “pouco” ou “nada” pela política. E também aqui se repete o padrão anteriormente detectado, como se verifica nos quadros 11, 12 e 13: baixo interesse de um ponto de vista comparativo para a generalidade da população; baixíssimo interesse dos inquiridos entre os 15 e os 17 anos; e ausência de diferenças significativas entre os jovens adultos e o resto da população activa.



Quadro 11. Interesse pela política, por sexo⁴

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Muito	10,0	7,7	8,8
Bastante	26,4	17,1	21,6
Pouco	35,6	40,4	38,1
Nada	26,9	33,6	30,4
Ns	,3	,7	,5
Nr	,8	,5	,6
Total	100	100	100

⁴ A pergunta no questionário era: “Continuando com temas políticos, diria que a política lhe interessa muito, bastante, pouco ou nada?”



Quadro 12. Interesse pela política, por país (ISSP / 2004).

País	Nível de interesse pessoal pela política						Média
	Muito	Bastante	Pouco	Nada	Ns	Nr	
Estados Unidos	20,7	48,7	20,3	9,9	,1	,3	2,81
Alemanha	20,2	47,4	21,2	9,0	1,7	,5	2,81
Dinamarca	14,7	47,4	31,5	5,1	,6	,8	2,73
Noruega	9,0	54,7	31,0	3,8	,8	,7	2,70
Japão	7,9	55,5	26,4	6,0	4,1	,1	2,68
Áustria	16,4	40,5	34,2	7,7	1,3	,0	2,66
Filipinas	20,3	38,3	24,2	15,3	2,0	,0	2,65
França	14,7	43,1	32,1	8,3	,5	1,3	2,65
Nova Zelândia	9,3	50,9	30,9	7,1	1,0	,7	2,64
Austrália	11,1	46,7	32,2	8,5	,7	,8	2,61
Suiça	12,9	45,3	30,8	10,9	,2	,0	2,60
Israel	15,7	41,9	25,9	15,5	,3	,7	2,58
Coreia do Sul	10,0	45,4	37,0	7,3	,2	,0	2,58
Canadá	9,7	44,7	35,1	8,8	1,2	,5	2,56
Rússia	8,2	47,1	32,1	10,6	,0	2,0	2,54
Holanda	6,6	45,1	40,5	5,5	1,0	1,2	2,54
Bulgária	11,1	43,3	23,7	19,8	1,7	,4	2,47
Eslováquia	10,9	36,6	38,7	12,0	1,8	,0	2,47
Irlanda	9,8	43,2	30,3	15,8	,8	,2	2,47
Grã-Bretanha	9,6	40,7	34,2	13,6	,8	1,1	2,47
Suécia	8,0	38,7	43,2	9,3	,6	,2	2,46
Uruguai	18,1	28,8	21,8	31,1	,3	,0	2,34
México	8,1	37,9	32,2	20,7	1,1	,0	2,34
Republica Checa	5,9	29,5	44,6	17,7	2,3	,0	2,24
Finlândia	4,7	29,4	49,3	15,3	1,1	,2	2,24
Portugal	6,0	33,6	34,7	24,7	,6	,4	2,21
Venezuela	17,3	23,5	20,4	38,0	,3	,4	2,20
Letónia	3,8	27,5	52,7	14,9	1,1	,0	2,20
Hungria	5,1	29,1	44,6	20,4	,4	,4	2,19
Polónia	3,5	30,3	46,6	18,4	1,2	,0	2,19
Eslovénia	3,8	32,1	40,4	22,4	1,3	,0	2,18
Espanha	5,6	25,6	41,0	26,1	1,1	,6	2,11
África do Sul	7,5	24,6	32,0	30,5	3,1	2,3	2,10
Chile	7,0	25,4	23,1	40,4	2,8	1,3	1,99
Chipre	7,2	22,7	31,2	38,6	,3	,0	1,98
Brasil	5,2	16,4	37,4	38,7	,3	2,0	1,88
Taiwan	3,0	19,5	37,1	39,4	1,0	,0	1,86



Quadro 13. Interesse pela política, por faixa etária.

	Faixa etária			
	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais
Muito	6,2	5,3	11,0	7,7
Bastante	10,3	23,4	22,8	19,2
Pouco	56,7	48,2	36,6	28,4
Nada	25,3	22,3	28,6	43,3
Ns	1,0	,2	,1	1,4
Nr	,5	,6	,9	,0
Total	100	100	100	100

Diga-se a este respeito, contudo, que este último padrão – ausência de diferenças entre os jovens adultos e o resto dos activos – é relativamente peculiar ao caso português. Em quase todos os restantes países europeus sobre os quais temos dados (França é a exceção), os jovens adultos manifestam menos interesse pela política que os mais velhos. Isto sugere que, no caso português, a posição no ciclo de vida não deverá ser a única explicação para uma relação entre a idade e o interesse pela política. Mais: que quando nos concentramos exclusivamente no grupo dos que têm entre 18 e 29 anos (quadro 14), não emerge como um dos países europeus onde o interesse pela política é mais baixo, e sim próximo da média, ao contrário do que sucede quando olhamos para a população em geral.



Quadro 14. Média de interesse pela política segundo país e faixa etária (ISSP / 2004).(selecção países europeus)

País	Faixa Etária			Total
	18 a 29	30 a 64	65 e mais	
Alemanha	2,6	2,9	2,8	2,8
Dinamarca	2,6	2,7	2,8	2,7
Noruega	2,5	2,7	2,9	2,7
Áustria	2,4	2,7	2,7	2,7
França	2,6	2,6	2,8	2,7
Suiça	2,4	2,6	2,7	2,6
Holanda	2,4	2,6	2,6	2,5
Eslováquia	2,2	2,5	2,6	2,5
Grã-Bretanha	2,2	2,5	2,7	2,5
Irlanda	2,2	2,5	2,6	2,5
Bulgária	2,2	2,5	2,5	2,5
Suécia	2,4	2,5	2,5	2,5
Republica Checa	2,0	2,3	2,5	2,2
Finlândia	2,2	2,2	2,3	2,2
Portugal	2,3	2,3	2,0	2,2
Letónia	2,1	2,2	2,4	2,2
Hungria	2,1	2,3	2,0	2,2
Polónia	2,1	2,3	2,1	2,2
Eslovénia	2,0	2,3	2,1	2,2
Espanha	2,1	2,2	1,9	2,1

É possível ir um pouco mais longe neste análise se tentarmos decompor um pouco mais esse objecto genérico designado de “política”, diferenciando-o em diferentes níveis territoriais: políticas local, nacional, europeia e internacional. Um fenómeno interessante – e até algo paradoxal – no caso português é o facto dos cidadãos tenderem a mostrar níveis de interesse ligeiramente maiores na política local do que a ligada a outros níveis territoriais. Isto verifica-se no nosso estudo, como se pode ver no quadro 15, e já era verdade em estudos anteriores, como se pode ver no quadro 16, onde um país altamente centralizado como Portugal exhibe padrões semelhantes aos de países altamente descentralizados como Alemanha (em termos relativos) e Espanha (em termos relativos e absolutos).



Quadro 15. Interesse pela política, por âmbito geográfico.⁵

	Local	Nacional	Europeia	Internacional
Muito interessado	14,2	12,7	9,2	9,5
Bastante interessado	24,1	25,4	24	21,6
Pouco interessado	36	34,8	34,9	35
Nada interessado	24,9	26,1	29,5	31,5
Ns/Nr	0,8	1	2,4	2,4
Total	100	100	100	100

Quadro 16 Interesse pela política, por país, âmbito territorial e sexo (CID / 2002). Médias.

Pais	Interesse política local	Interesse política nacional	Interesse política europeia	Interesse política internacional
Suiça	2,7	2,8	2,6	2,6
Portugal	2,1	2,0	1,8	1,8
Alemanha Ocidental	2,7	2,6	2,2	2,3
Alemanha Oriental	2,7	2,6	2,2	2,3
Holanda	2,5	2,6	2,2	2,3
Espanha	2,2	2,0	1,9	1,9

* Tem-se calculado a média aritmética atribuindo os seguintes valores: Nada=1, Pouco=2, Bastante=3, Muito=4.

A análise por faixas etárias, no quadro 17, revela um último dado importante a este nível. Para além de confirmar a curvilinearidade na relação entre a idade e o interesse pela política, mostra que o maior interesse na política local em comparação com outros níveis territoriais é uma característica que não é partilhada pelos mais jovens que, pelo contrário, tendem a mostrar maior interesse pela política nacional.

⁵ A pergunta original no questionário era: "E em que medida diria que está interessado pelo que se passa a nível da política local, nacional, europeia e internacional: muito, bastante, pouco ou nada?".



Quadro 17. Interesse pela política, por âmbito territorial. Médias por faixa etária e sexo.

Faixa etária	Interesse política local	Interesse política nacional	Interesse política europeia	Interesse política internacional
15-17 anos	2,0	2,1	2,0	2,0
18-29 anos	2,2	2,3	2,2	2,2
30-64 anos	2,4	2,3	2,2	2,2
65 anos e mais	2,2	2,1	2,0	2,0

* Tem-se calculado a média aritmética atribuindo os seguintes valores: Nada=1, Pouco=2, Bastante=3, Muito=4.

Em suma, pode dizer-se que:

- os portugueses evidenciam atitudes de muito baixo envolvimento com a política de um ponto de vista comparativo;
- a relação entre a idade e o grau de importância dada à (e interesse) na política é curvilínea;
- dito isto, as diferenças entre os jovens adultos e o resto da população activa são reduzidas, o que faz com que, comparando exclusivamente, no contexto europeu, os indivíduos com idades entre os 18 e os 29 anos, o grau de envolvimento político atitudinal dos jovens adultos portugueses tenda a escapar aos últimos lugares europeus, ocupados, nesse escalão, por Espanha e pelos países da Europa de Leste.



4. O envolvimento político: informação

O conjunto seguinte de questões trata o grau de informação política a que os inquiridos dizem estar quotidianamente expostos e que objectivamente demonstram. Os quadros 18 a 21 mostram os resultados, por faixa etária, de perguntas onde se mede a frequência de exposição a informação política por meios de comunicação.

Quadro 18. Frequência com que se lê a secção de política num jornal segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos	Total
Todos os dias	1	8	15,1	23,6	14,4
3-4 dias por semana	1	15,3	13,8	8,7	12,4
1-2 dias por semana	18,6	20,3	22,9	17,3	21
Menos que isso	78,4	55,7	47,3	48,9	51,2
Ns/Nr	1	0,7	0,9	1,5	1
Total	100	100	100	100	100

Quadro 19. Frequência com que se vêem notícias sobre política na televisão segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos	Total
Todos os dias	34	44,1	60,0	57,7	55,3
3-4 dias por semana	21,1	21,5	17,5	16,8	18,4
1-2 dias por semana	22,2	19,3	11,8	10,6	13,4
Menos que isso	22,2	14,6	10,1	13,9	12,2
Ns/Nr	0,5	0,5	0,6	1	0,7
Total	100	100	100	100	100

Quadro 20. Frequência com que se ouvem notícias sobre política na rádio segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos	Total
Todos os dias	6,7	13,1	23,3	16,8	19
3-4 dias por semana	8,8	12,4	14,3	7,2	12,2
1-2 dias por semana	13,4	19,2	15,8	16,8	16,5
Menos que isso	69,6	54,5	45,6	57,7	51,1
Ns/Nr	1,5	0,8	1	1,5	1,2
Total	100	100	100	100	100



Quadro 21. Frequência com que se utiliza a Internet para obter informação política segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos	Total
Todos os dias	2,1	5,3	8,4	1,4	5,9
3-4 dias por semana	3,1	6,3	4,8	0,5	4
1-2 dias por semana	14,9	10,8	6,7	1	6,7
Menos que isso	78,9	75,4	76,7	91,8	79,8
Ns/Nr	1	2,2	3,4	5,3	3,6
Total	100	100	100	100	100

Duas conclusões principais são possíveis:

- a televisão é o meio de comunicação predominante na aquisição de informação política em Portugal, seguida a grande distância pelos restantes meios. A dependência dos portugueses em relação à televisão é, do ponto de vista comparativo, muito elevada, como se verifica no quadro 22:

Quadro 22. Frequência com que se vêem notícias sobre política na televisão por países (ISSP 2004)

	Todos os dias	3-4 dias por semana	1-2 dias por semana	Menos que isso	Total
Portugal	75,3	17,4	4,8	2,6	100
Eslováquia	64,1	18,8	8,0	9,1	100
Rússia	58,8	17,5	11,7	11,9	100
Bulgária	56,0	14,2	12,6	17,2	100
Japão	55,8	19,7	14,0	10,5	100
Suíça	55,0	21,3	11,5	12,2	100
Brasil	54,9	18,7	13,6	12,8	100
Espanha	52,4	20,9	11,6	15,0	100
Uruguai	51,8	17,8	12,3	18,1	100
Letónia	49,5	18,1	15,5	16,9	100
Taiwan	45,7	16,3	13,6	24,3	100
França	44,2	20,7	15,8	19,3	100
Dinamarca	42,6	26,0	16,2	15,1	100
Republica Checa	42,4	21,3	18,2	18,2	100
Holanda	39,6	21,8	20,2	18,4	100
Finlândia	36,7	21,5	18,9	22,9	100
Austrália	34,5	21,7	14,9	28,9	100
Suécia	34,5	22,9	19,8	22,7	100
Canadá	34,3	21,9	16,9	26,9	100
Nova Zelândia	34,3	24,4	15,7	25,5	100
África do Sul	21,0	11,3	10,5	57,2	100



- a relação entre a idade e a exposição à informação política é linear e positiva, ou seja, quanto mais velhos mais frequentemente dizem estar expostos a informação sobre política nos diferentes meios. A única excepção a este nível é a Internet, à qual os indivíduos com 65 anos ou mais estão muito pouco expostos.

Esta segunda conclusão é curiosa, dado não se ajustar inteiramente ao que tínhamos visto sobre as atitudes de interesse em relação à política. Apesar dos jovens adultos exibirem atitudes de envolvimento semelhantes aos da restante população activa, o seu consumo de meios convencionais de informação é inferior.

Até que ponto se reflecte isto nos níveis reais de informação política de que dispõem os portugueses em geral e os jovens em particular? Pelos vistos, bastante. O quadro 23 mostra as respostas a três itens de conhecimentos políticos colocados no nosso inquérito: o primeiro respeitante ao nº de estados na UE; o segundo em relação ao nome do primeiro presidente eleito depois do 25 de Abril; e o terceiro onde se questionava sobre se o Partido Socialista dispunha actualmente ou não de uma maioria absoluta no parlamento. Como se verifica, a maioria dos inquiridos não conseguiu responder correctamente às primeiras duas perguntas, e um terço dos inquiridos não conseguiu responder à terceira questão.

Quadro 23. Conhecimento político⁶.

	Número de Estados da União Europeia	Primeiro presidente eleito depois do 25 de Abril	Maioria do PS na Assembleia da República
Acerta	33,6	29,3	64,5
Não acerta	45,4	32,2	8,3
Ns	0,2	36,9	25,7
Nr	20,8	1,6	1,5
Total	100	100	100

⁶ As perguntas no questionário eram: “Poderia dizer-me quantos estados compõem actualmente a União Europeia?”, “Sabe dizer-me quem foi o primeiro Presidente eleito depois do 25 de Abril?”, e “Poderia dizer-me se, nas últimas eleições legislativas, o Partido Socialista obteve mais da metade ou menos da metade dos deputados da Assembleia da República?”



Analisadas as respostas por escalões etários, verifica-se que, previsivelmente, a capacidade de identificar o primeiro PR eleito após o 25 de Abril cresce com a idade. Mas porventura menos previsivelmente – especialmente tendo em conta que a idade está negativamente correlacionada com a instrução – os mais jovens (incluindo os jovens adultos) são também menos capazes de responder correctamente às duas outras perguntas, de carácter geral e contemporâneo. Para quem supõe que a cidadania democrática exige conhecimentos sobre a política, ou que os mais jovens, porque mais instruídos, deveriam exibir maiores níveis de informação política, os resultados não podem ser vistos senão como desanimadores. Metade dos jovens entre os 15 e os 19 anos e um terço dos jovens adultos entre os 18 e os 29 anos não foi capaz de responder correctamente a uma única das três perguntas colocadas.

Quadro 24. Conhecimento do numero de Estados que formam a União Europeia segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos
Acerta	26,8	29,1	32,9	45,2
Não acerta	48,5	52,1	48,5	28,8
Ns	0	0,2	0,3	0
Nr	24,7	18,6	18,3	26
Total	100	100	100	100

Quadro 25. Conhecimento do nome do primeiro Presidente eleito depois do 25 de Abril segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos
Acerta	8,2	20,3	34,1	30,8
Não acerta	21,6	26,1	32,6	39,9
Ns	68,7	52,2	32,2	26,4
Nr	1,5	1,4	1,1	2,9
Total	100	100	100	100

Quadro 26. Conhecimento se o PS obteve maioria absoluta de deputados na Assembleia da República segundo faixa etária.

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos
Acerta	38,1	54,9	69,6	67,2
Não acerta	7,7	11	8,5	5,8
Ns	53,2	33,2	21	23,6
Nr	1	0,9	0,9	3,4
Total	100	100	100	100



Universidade
Católica
Portuguesa



Em suma:

- os jovens encontram-se menos expostos à informação política pelos meios de comunicação convencional;
- os jovens, e não apenas aqueles que ainda não chegaram à idade do voto, tendem a exibir menores níveis de conhecimentos políticos.



5. A participação política: atitudes e comportamentos

Uma explicação possível para o desfasamento entre o grau de envolvimento na política exibido pelos jovens em termos atitudinais e o seu real grau de informação política poderá ser um menor interesse pela política “convencional” – eleitoral, partidária e institucional – que tende a dominar a informação veiculada pelos órgãos de comunicação social. Mas só em parte se confirma essa hipótese. No quadro 27, apresentam-se os resultados de um conjunto de perguntas sobre o grau de eficácia atribuída pelos inquiridos a diferentes formas de participação política, ditas “convencionais” – votar, colaborar com um partido político e contactar políticos – e “não convencionais” – as restantes.

Quadro 27. Eficácia atribuída a diferentes formas de participação política. Médias por faixa etária.⁷

Faixa etária	Colaborar com um partido político	Colaborar com organizações ou associações voluntárias	Votar nas eleições	Pôr-se em contacto com políticos	Chamar a atenção dos meios de comunicação	Participar em manifestações	Participar em actividades ilegais de protesto
15-17 anos	4,3	7,6	7,1	4,2	6,2	5,4	2,8
18-29 anos	4,2	7,7	7,7	4,2	5,9	5,1	2,7
30-64 anos	3,7	7,3	7,8	3,8	5,9	4,3	1,5
65 anos e mais	4,2	7,0	7,9	3,7	5,1	3,4	1,2
Total	3,9	7,4	7,8	3,9	5,8	4,2	1,7

A primeira conclusão que resulta do quadro anterior é que, entre a população, o voto é visto (ainda?) como a forma mais eficaz de participação política. De resto, este estudo incluía um conjunto de questões que media algumas percepções específicas sobre o voto. Em geral, como se verifica no quadro 28, as opiniões dos portugueses sobre o sufrágio vão maioritariamente no sentido de o verem como um dever e um acto eficaz e útil, e de verem a abstenção como um acto de potencial irresponsabilidade política. Uma análise destas respostas por escalão

⁷ A pergunta no questionário era: “Utilizando uma escala de 0 a 10, em que 0 significa “não serve para nada” e 10 “muito eficaz”, que grau de eficácia atribuiria às seguintes actividades”



etário revela que as diferenças entre escalões etários são reduzidas e não significativas, excepto no que respeita à “legitimidade da abstenção” (mais aceite pelos que ainda não têm direito de voto).

Quadro 28. Opinião sobre o sufrágio⁸.

	Quem não vota também não tem direito a queixar-se dos que governam	Não votar é uma atitude tão legítima como votar	Um voto a mais ou a menos não faz diferença nenhuma	Em democracia todos os votos são importantes
Tende a concordar	69,2	37,8	16,9	90,3
Não concorda nem discorda	7,4	10,3	7,3	4,4
Tende a discordar	20,7	48,1	72,3	2,9
Ns	1,2	2,5	2,2	1,1
Nr	1,5	1,3	1,3	1,3
Total	100	100	100	100

Contudo, os resultados do quadro 27 sugerem que as restantes formas de participação dita “convencional” estão muito atrás de formas “não convencionais” do ponto de vista da avaliação da sua eficácia. A mesma ideia resulta quando colocamos Portugal num contexto comparativo com recurso a estudos anteriores (quadro 29): exceptuando o voto, os portugueses revelam-se como aqueles que, na comparação entre formas convencionais e não convencionais de participação, mais eficácia atribuem às segundas.

⁸ A pergunta no questionário era: “*Vou ler-lhe algumas opiniões sobre o voto e gostaria que me dissesse se tende a concordar ou a discordar delas*”.



Quadro 29. Eficácia atribuída a diferentes formas de participação política, por países (CID / 2002).
Médias.

Pais	Colaborar com um partido político	Colaborar com organizações ou associações voluntárias	Votar nas eleições	Pôr-se em contacto com políticos	Chamar a atenção dos meios de comunicação	Participar em manifestações	Participar em actividades ilegais de protesto
Dinamarca	6,2	6,5	8,1	5,6	6,7	4,7	3,1
Holanda	5,8	6,6	7,3	5,2	5,8	4,8	3,2
Noruega	5,7	5,9	6,9	5,2	6,4	4,5	3,1
Alemanha Oc.	5,6	5,7	7,1	4,8	5,9	5,3	3,2
Suiça	5,3	5,8	7,2	4,6	5,7	4,0	2,1
Portugal	4,7	6,1	6,7	4,2	5,4	5,0	3,3
Alemanha Or.	4,4	4,5	6,7	3,8	5,0	4,9	2,6
Espanha	4,2	6,1	6,9	3,8	5,5	4,9	2,3

Até que ponto se confirma então que este padrão é especialmente característico dos mais jovens? Só parcialmente. É verdade que a eficácia atribuída ao voto em eleições tende a ser tendencialmente maior quanto maior é o escalão etário. Isto tem potenciais consequências visíveis quando se trata de passar aos comportamentos. No quadro 30, é fácil verificar que, entre os que têm entre 19 e 29 anos, a percentagem daqueles que dizem “nunca votar” é mais do dobro da do escalão 30-64 anos.

Quadro 30. Frequência de sufrágio, por faixa etária⁹.

	Faixa etária		
	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais
Vota sempre	49,7	63,3	73,5
Vota frequentemente	13,7	18,0	13,5
Vota em poucas ocasiões	13,8	10,2	5,3
Nunca vota	17,5	6,2	4,8
Ns	1,4		,5
Nr	3,9	2,3	2,4
Total	100	100	100

⁹ A pergunta original no questionário era: “Em geral, em relação com o voto, considera-se uma pessoa que “vota sempre”, que “vota frequentemente”, que “vota em poucas ocasiões” ou que “nunca vota”?”



Da mesma forma, o recurso a modalidades de participação “não convencionais” – colaborar com organizações ou associações, chamar a atenção dos meios de comunicação ou participar em manifestações, inclusivamente ilegais – tende a ser visto mais eficaz pelos jovens do que pelos mais velhos. Contudo, o mesmo padrão não se detecta no que respeita a outras modalidades de política dita “convencional” – colaborar com partidos ou contactar políticos – onde também são os mais jovens que, tendencialmente, atribuem mais eficácia a essas acções. Por outras palavras, à excepção do voto, os jovens tendem a ver **todas** as formas de participação política como mais eficazes do que a restante população activa .

E o que se passa no que respeita aos níveis reais – ou pelo menos, declarados – de participação política? Estudos anteriores mostram que, do ponto de vista comparativo, os níveis de participação política em Portugal são:

- baixos, em formas de participação convencional ou não convencional. Isso é confirmado no quadro 31, que mostra que para quase *todos* os escalões etários e em todas as formas de participação, Portugal exhibe taxas de participação política inferiores aos dos restantes cinco países;
- que a diferença entre a participação dos jovens e os mais velhos tende a ser menor em Portugal do que noutros países. Em Portugal, não há diferenças significativas a este nível na maior parte das formas de participação (voto excluído) e verifica-se inclusivamente que os jovens assinam mais petições e fazem mais boicotes política e socialmente motivados que os mais velhos. O mesmo não sucede nos restantes países – Espanha incluída - para a maior parte das formas de participação.



Quadro 31. Realização de actividades de carácter político, por país e faixa etária (ISSP / 2004).
Percentagem que têm feito durante o último ano.

		Assinar uma petição	Boicotes/ consumos	Manifesta ções	Comício	Contacto político	Dar dinheiro a partidos
Alemanha	18 a 29 anos	22,7	31,5	14,0	9,6	4,4	23,1
	30 a 64 anos	25,3	32,8	5,6	9,6	10,8	41,8
	65 e mais anos	11,2	15,5	1,1	5,2	6,9	38,8
Grã-bretanha	18 a 29 anos	35,9	20,6	3,8	3,8	4,9	17,1
	30 a 64 anos	35,3	26,1	2,2	2,6	10,6	14,2
	65 e mais anos	27,2	12,9	2,2	3,3	6,8	12,4
Holanda	18 a 29 anos	22,1	20,9	6,3	3,7	9,1	43,8
	30 a 64 anos	25,1	22,2	8,1	7,0	10,2	45,0
	65 e mais anos	15,4	11,0	1,4	5,0	5,6	29,3
Espanha	18 a 29 anos	26,9	14,0	41,7	10,0	5,5	8,9
	30 a 64 anos	26,4	16,1	32,8	14,0	9,2	14,4
	65 e mais anos	9,4	5,8	11,0	7,0	2,8	8,1
França	18 a 29 anos	40,5	39,4	14,3	12,0	9,1	20,4
	30 a 64 anos	37,7	39,1	19,7	13,2	9,2	28,3
	65 e mais anos	24,5	15,2	9,4	10,5	7,6	30,4
Portugal	18 a 29 anos	12,5	11,7	4,2	3,4	2,7	19,2
	30 a 64 anos	6,8	7,2	3,0	2,6	2,2	24,4
	65 e mais anos	1,0	3,0	1,0	1,0	1,0	23,3

Os quadros 32 e 33, respeitantes ao nosso inquérito de 2007, dão vários elementos actualizados e adicionais a esse respeito:



Quadro 32. Realização de actividades de carácter político¹⁰.

	Fê-lo durante o último ano	Fê-lo num passado mais distante	Não o fez mas poderia tê-lo feito	Não o fez e nunca o faria	Ns/Nr	Total
Assinar uma petição	16,9	19,2	33	27,2	3,6	100
Fazer boicote ou comprar certos produtos por razões políticas ou para favorecer o meio-ambiente	18,3	6,9	29	42,3	3,5	100
Assistir a um comício partidário de um candidato	7,2	30,4	18,1	42,4	1,9	100
Assistir a uma outra manifestação política	5,9	23,7	21,4	46,9	2,1	100
Contactar ou tentar contactar um político ou funcionário para expressar as suas opiniões	9,1	10,4	33,6	44,5	2,3	100
Entregar dinheiro ou recolher fundos para uma actividade social ou política	13,1	15,5	30,2	38,7	2,5	100
Contactar com ou responder aos meios de comunicação para expressar as suas opiniões	6,8	9,4	40,2	41,3	2,3	100
Participar num fórum ou grupo de discussão política na Internet	3,2	1,4	22,8	69,7	3	100

- em primeiro lugar, sobre a prevalência de diferentes modos de participação entre a população em geral. Como se pode ver no quadro 32, o contacto directo com os meios de comunicação social ou a participação em fóruns ou grupos de discussão na Internet são modos de participação política, num sentido lato, a que a população portuguesa já recorreu menos do que a outros, especialmente em comparação com a assinatura de petições ou a participação em comícios partidários, já feitas por mais de um terço da população com 15 anos ou mais;

- em segundo lugar, sobre a eventual existência de tendências no recurso a diferentes modos de participação. Como se verifica, há três formas de participação a que mais de 10% dos portugueses dizem ter recorrido *no último ano*, sendo que apenas uma delas – as petições– pertencem ao “top” daquelas a que já alguma vez se recorreu. Mais concretamente, falamos

¹⁰ A pergunta no questionário era: “Existem várias formas de participação em acções sociais e políticas que as pessoas podem levar a cabo. Por favor, diga-me sobre cada uma das acções que lhe vou ler de seguida se a realizou durante o último ano, se as realizou num passado mais distante, se nunca as realizou mas poderia fê-lo ou se nunca as realizou e nunca o faria”.



dos boicotes a (ou aquisições de) produtos por razões políticas e sociais e a entrega de dinheiro ou recolha de fundos para actividades sociais ou políticas, que parecem estar assim a crescer em frequência.

- em terceiro lugar, sobre a indisponibilidade para o recurso a qualquer modo de participação afirmado por maiorias absolutas ou relativas dos portugueses. Em quase todos os casos – a excepção é a das petições – as percentagens de inquiridos que afirmam que nunca recorreriam a estas formas de participação é sempre superior às dos inquiridos que afirmam já ter alguma vez recorrido a elas.

Há alguma coisa que caracterize especialmente os jovens em comparação com o resto da população (quadro 33)? Começemos pelos jovens com idades inferiores aos 18 anos:

- compreensivelmente, são, de todos os grupos etários, aqueles que menos oportunidades tiveram para alguma vez terem participado politicamente. Contudo, note-se como mesmo assim exibem comportamentos participativos no último ano próximos ou mesmo mais frequentes em relação àqueles exibidos por indivíduos situados no extremo oposto do seu ciclo de vida. Isto verifica-se especialmente no que respeita às petições, aos boicotes, às manifestações e, especialmente, à participação em fóruns na Internet.

- os jovens com menos de 18 anos mostram-se também particularmente indisponíveis, em comparação com o resto da população, para, futuramente, assistirem a comícios partidários e outras manifestações, assim como a estabelecer contactos com políticos ou funcionários. Mesmo assim, é interessante notar como, apesar do baixo nível de integração política e económica deste contingente, a sua indisponibilidade para participar é, em quase todos os casos, igual ou inferior ao escalão etário dos mais velhos.



Quadro 33. Realização de actividades de carácter político, por faixa etária.

		Fê-lo durante o último ano	Fê-lo num passado mais distante	Não o fez mas poderia tê-lo feito	Não o fez e nunca o faria	Ns	Nr	Total
Assinar uma petição	15-17 anos	7,2	6,7	42,3	37,1	5,7	1,0	100
	18-29 anos	16,2	17,5	39,8	22,2	3,6	0,8	100
	30-64 anos	20,9	21,9	30,5	24,1	1,7	1,0	100
	65 anos e mais	9,1	18,8	30,8	36,5	2,9	1,9	100
Fazer boicote ou comprar certos produtos por razões políticas ou para favorecer o meio-ambiente	15-17 anos	11,9	5,2	43,8	36,1	3,1		100
	18-29 anos	22,0	7,1	32,9	35,4	2,2	0,5	100
	30-64 anos	19,9	8,0	28,3	40,5	2,1	1,2	100
	65 anos e mais	11,5	4,8	24,5	54,8	2,4	1,9	100
Assistir a um comício partidário de um candidato	15-17 anos	3,6	5,7	30,4	57,2	3,1		100
	18-29 anos	7,4	18,1	28,1	45,1	0,9	0,3	100
	30-64 anos	7,8	34,7	16,3	39,3	1,0	0,9	100
	65 anos e mais	8,2	35,1	11,5	42,8	0,5	1,9	100
Assistir a uma outra manifestação política	15-17 anos	4,6	7,2	34,5	51,0	2,6		100
	18-29 anos	7,2	15,6	33,0	42,5	0,8	0,9	100
	30-64 anos	7,0	26,9	20,0	44,1	1,0	1,1	100
	65 anos e mais	3,4	26,4	12,5	54,8	0,5	2,4	100
Contactar ou tentar contactar um político ou funcionário para expressar as suas opiniões	15-17 anos	2,1	1,5	42,8	52,6	1,0		100
	18-29 anos	6,3	6,6	40,1	45,8	0,8	0,5	100
	30-64 anos	11,7	12,4	32,6	40,7	1,1	1,4	100
	65 anos e mais	6,7	10,1	29,8	50,5	1,0	1,9	100
Entregar dinheiro ou recolher fundos para uma actividade social ou política	15-17 anos	7,7	9,3	47,4	34,0	0,5	1,0	100
	18-29 anos	10,2	14,0	39,2	34,9	0,9	0,8	100
	30-64 anos	14,7	16,5	28,3	38,1	1,3	1,1	100
	65 anos e mais	12,5	15,4	24,0	44,2	0,5	3,4	100
Contactar com ou responder aos meios de comunicação para expressar as suas opiniões	15-17 anos	2,6	1,5	50,5	42,8	1,5	1,0	100
	18-29 anos	5,0	8,2	48,0	37,1	1,1	0,6	100
	30-64 anos	7,8	10,3	41,8	38,0	1,6	0,6	100
	65 anos e mais	6,7	9,1	28,8	51,4	1,9	1,9	100
Participar num forum ou grupo de discussão política na Internet	15-17 anos	3,1	0,5	33,5	60,3	1,5	1,0	100
	18-29 anos	5,0	2,4	33,0	58,8	0,2	0,6	100
	30-64 anos	3,9	1,3	23,3	68,8	2,0	0,7	100
	65 anos e mais	0,5	1,0	9,6	83,7	3,4	1,9	100

E no que respeita aos jovens adultos? Os resultados espelham algo que já tínhamos observado anteriormente no que respeita às atitudes de envolvimento político: os seus comportamentos participativos não se distinguem daqueles exibidos pelo resto da população activa. Este é um



dado interessante, ao evidenciar um padrão distinto daqueles que encontramos na maioria das democracias industrializadas. Apesar de terem tendencialmente menores níveis de integração económica e profissional, que normalmente levam a menores níveis de envolvimento e participação política, os jovens adultos exibem predisposições e comportamentos semelhantes aos indivíduos com idades entre os 30 e os 64 anos. Isso pode dever-se, por um lado a padrões de socialização mais favoráveis à participação (incluindo maior instrução) entre eles e, por outro, aos particularmente baixos níveis de envolvimento e participação dos mais velhos.

Em suma:

- em geral, e exceptuando o voto, a população portuguesa tende a ser céptica em relação à eficácia da participação política convencional, i.e, através dos partidos e dos mecanismos de representação, em comparação com outras formas de participação;
- os jovens seguem este padrão, mas com uma nuance importante: em geral – e mais uma vez exceptuando o voto – tendem a ser menos cépticos do que os mais velhos em relação à eficácia de todas as formas de participação política, convencionais ou não. Já no que diz respeito ao voto, a sua eficácia, do ponto de vista dos jovens, sofre a “concorrência” de outras formas de participação, especialmente a ligada ao associativismo e ao voluntariado.
- do ponto de vista dos comportamentos, os jovens adultos não se distinguem particularmente do resto da população activa, ao passo que os pré-adultos não se distinguem particularmente dos indivíduos com 65 anos ou mais. Esta curvilinearidade na relação entre a participação e a idade é expectável, mas os níveis de disponibilidade para a participação e de participação real dos mais jovens podem ser vistos com comparativamente elevados tendo em conta a sua posição no ciclo de vida.



6. A participação cívica e social

O que se passa no que diz respeito às predisposições e comportamentos em relação a formas de participação menos evidentemente relacionadas com a vida política, em particular o associativismo e o voluntariado? É conhecido de estudos anteriores o baixo nível de participação social dos portugueses. O quadro 34, com os resultados de um estudo de 2004, mostra que, na Europa, os portugueses são dos que menos pertencem a partidos políticos, sindicatos, associações ou clubes desportivos ou outros, com a pertença a associações de carácter religioso a constituir a excepção a essa regra de baixa participação social.

Quadro 34. Pertença a associações segundo tipo e país (ISSP / 2004). Percentagem que participam activamente. (ordem decrescente segundo a militância em partidos políticos)

	Partido Político	Sindical	Religiosa	Desportiva	Outras
Suiça	4,5	11,3	25,5	37,0	16,4
Áustria	4,1	5,1	7,9	14,1	6,8
Eslováquia	3,5	5,0	10,9	10,4	9,2
Bulgária	3,0	2,6	1,5	1,5	1,0
Suécia	2,9	8,5	6,9	28,0	9,4
Espanha	2,9	6,9	9,0	14,7	8,7
Irlanda	2,7	13,8	55,8	36,3	21,4
Republica Checa	2,7	2,9	4,4	10,9	5,9
Noruega	2,6	12,5	9,7	27,5	20,3
Dinamarca	2,6	14,2	14,6	40,8	25,5
Alemanha	2,5	6,4	15,5	29,1	8,2
França	2,3	10,6	7,8	33,5	25,7
Eslovénia	2,2	9,7	13,5	23,9	12,7
Holanda	2,0	6,3	15,2	43,4	20,0
Portugal	2,0	4,1	14,8	6,6	5,2
Grã-Bretanha	1,6	4,9	16,5	22,0	12,3
Finlândia	1,6	6,0	7,2	22,5	15,7
Hungria	1,3	4,8	9,3	5,2	2,9
Rússia	1,1	6,1	2,0	4,3	1,6
Letónia	,9	4,0	8,7	13,2	6,1
Polónia	,2	2,0	26,5	4,8	2,9

O presente estudo, três anos depois, confirma esta impressão. Nenhum tipo de associação tem como participantes activos mais do que 1 em cada 10 dos inquiridos com 15 anos ou mais e



apenas os grupos/associações de natureza paroquial ou religiosa atingem esse patamar (quadro 35).

Quadro 35. Pertença a associações segundo tipo.¹¹

	Pertence e participa activamente	Pertence mas não participa activamente	Já pertenceu mas deixou de pertencer	Nunca pertenceu	Ns	Nr	Total
Partido Político	2,1	4,3	7,5	85,2	0,1	0,8	100
Sindical	2,7	6,7	13,2	76,6	0,1	0,7	100
Profissional	5,4	6,1	8,7	78,4	0,4	1,0	100
Paroquial ou religiosa	10,2	7,7	14,3	66,8	0,1	0,9	100
Desportiva	7,4	5,5	21,9	64,2	0,2	0,8	100
Cultural ou lazer	7,1	3,8	14,1	73,6	0,3	1,1	100
Assistencial ou DDHH	4,5	2,8	6,3	85,0	0,4	1,0	100
Juvenil ou estudantil	3,0	1,7	16,7	77,1	0,5	1,0	100
Outra	5,2	2,1	7,0	83,4	0,6	1,7	100

É interessante verificar, contudo, como a participação social em Portugal é um fenómeno tendencialmente juvenilizado. Como se verifica no quadro 36, é entre aqueles que têm entre 15 e 17 anos que encontramos a maior percentagem de indivíduos que dizem pertencer a participar activamente numa associação, seguido do escalão 18-29 anos.

¹¹ A pergunta no questionário era: “Vamos fazer-lhe agora algumas perguntas sobre a sua participação em associações e grupos de vários tipos. Gostaria que nos dissesse, para cada um dos seguintes tipos de grupos ou associações que lhe vou ler de seguida, se “pertence e participa activamente”, se “pertence mas não participa activamente”, se “já pertenceu e deixou de pertencer” o se “nunca pertenceu”. O entrevistador tinha uma nota que definia a diferença entre a participação activa e a não activa. A nota era: “Consideramos “participar activamente” assistir de forma regular a reuniões ou actividades, fazer parte de órgãos directos da associação ou ser responsável de alguma secção, projecto ou actividade regular. Consideramos “não participar activamente” pagar apenas uma quotização anual, assistir a actividades de forma esporádica ou ser utente de serviços que a associação oferece sem estar implicado na sua organização ou gestão”.



Quadro 36. Pertença a associações por faixa etária (agregado).

	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 e mais anos
Pertence e participa activamente	36,6	30,8	27,7	28,4
Pertence mas não participa activamente	13,4	12,9	21,2	16,3
Já pertenceu mas deixou de pertencer	18,6	31,6	26,6	23,6
Nunca pertenceu	31,4	24,7	24,4	31,7
Total	100	100	100	100

Que associações são essas que atraem a participação dos mais jovens? Previsivelmente, as associações juvenis ou estudantis concentram muita dessa participação, da mesma forma que a participação em sindicatos ou associações profissionais é domínio exclusivo dos mais velhos. Contudo, como se vê no quadro 37, a participação dos mais jovens em associações paroquiais/ religiosas e culturais/de lazer é superior à de qualquer outro escalão etário, ao passo que, entre os jovens adultos, detectamos uma vez mais níveis de participação semelhantes ou superiores ao da restante população activa (com a excepção, claro, dos sindicatos e associações profissionais).



Quadro 37. Pertença a associações segundo tipo e faixa etária.

		Pertence e participa activamente	Pertence mas não participa activamente	Já pertenceu mas deixou de pertencer	Nunca pertenceu	Ns/Nr	Total
Partido Político	15-17 anos	1,5	0,5	0,5	97,4		100
	18-29 anos	2,2	3,9	6,0	87,9		100
	30-64 anos	2,4	4,2	8,7	83,7	1,0	100
	65 anos e mais	2,9	6,3	6,7	82,7	1,4	100
Sindicato	15-17 anos		0,5	0,5	98,5	0,5	100
	18-29 anos	0,9	3,0	2,5	93,6		100
	30-64 anos	4,2	10,0	13,4	71,7	0,7	100
	65 anos e mais	1,4	3,4	24,5	69,2	1,4	100
Profissional	15-17 anos	2,1	1,5	1,5	94,8		100
	18-29 anos	4,9	3,8	5,2	86,0	0,2	100
	30-64 anos	6,5	8,4	8,7	75,1	1,2	100
	65 anos e mais	4,3	2,4	13,0	76,9	3,4	100
Paroquial ou religiosa	15-17 anos	18,0	4,6	16,5	60,3	0,5	100
	18-29 anos	8,8	6,3	18,2	66,5	0,2	100
	30-64 anos	7,2	7,7	13,5	70,5	1,1	100
	65 anos e mais	16,3	8,7	11,1	62,5	1,4	100
Desportiva	15-17 anos	18,0	6,7	26,8	48,5		100
	18-29 anos	11,3	4,1	32,9	51,4	0,4	100
	30-64 anos	7,5	6,7	21,6	63,3	0,9	100
	65 anos e mais	1,9	3,8	14,9	77,4	1,9	100
Cultural ou lazer	15-17 anos	12,4	2,1	8,2	75,8	1,5	100
	18-29 anos	8,6	2,7	16,2	71,4	1,1	100
	30-64 anos	6,4	4,0	16,5	71,8	1,2	100
	65 anos e mais	6,3	5,8	7,2	78,8	1,9	100
Assistencial ou DDHH	15-17 anos	4,1	0,5	4,1	89,2	2,0	100
	18-29 anos	5,5	2,0	7,2	84,9	0,3	100
	30-64 anos	4,8	3,3	6,2	84,1	1,5	100
	65 anos e mais	2,9	2,4	5,8	87,0	1,9	100
Juvenil ou estudantil	15-17 anos	10,8	3,6	10,3	72,7	2,6	100
	18-29 anos	6,3	2,7	26,1	63,7	1,2	100
	30-64 anos	2,4	1,7	18,1	76,4	1,4	100
	65 anos e mais	0,5	1,0	7,2	89,9	1,4	100
Outra	15-17 anos	5,7		2,6	89,2	2,5	100
	18-29 anos	6,3	0,6	9,0	81,8	2,4	100
	30-64 anos	4,8	3,1	6,8	83,2	2,2	100
	65 anos e mais	5,8	1,4	5,8	84,6	2,4	100



Resultados semelhantes emergem quando olhamos para a dedicação ao voluntariado. Comparativamente, os portugueses exibem baixos níveis de dedicação ao trabalho voluntário, como se verifica no quadro 38.

Quadro 38. Realização de trabalho voluntário por país (CID / 2002)¹².

Pais	Sim	Não	Total
Suíça	54,9	45,1	100
Eslovénia	54,9	45,1	100
Rússia	50,6	49,4	100
Dinamarca	44,6	55,4	100
Noruega	44,0	56,0	100
Holanda	42,0	58,0	100
Espanha	35,7	64,3	100
Alemanha Ocidental	23,4	76,6	100
Portugal	16,7	83,3	100
Alemanha Oriental	15,1	84,9	100
Roménia	6,8	93,2	100

No nosso estudo, apenas 17% dos inquiridos afirmaram já ter realizado trabalho voluntário. Contudo, também aqui a diferença entre os jovens adultos e os mais velhos é reduzida, e neste caso a favor dos jovens, como se vê no quadro 39.

Quadro 39. Realização de trabalho voluntário por faixa etária.¹³

	Faixa etária				Total
	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais	
Sim	11,9	20,8	18,0	12,5	16,8
Não	86,6	79,2	81,0	87,5	82,6
Ns/Nr	1,5		1,0		,6
Total	100	100	100	100	100

¹² No questionário do projecto CID pergunta-se especificamente sobre a pertença a grupos informais.

¹³ A pergunta no questionário era “*Independentemente de pertencer ou não a uma associação, pode dizer-me se, nos últimos 12 meses, fez trabalho voluntário não-remunerado para alguma associação ou organização (por exemplo, participar em colectas, dedicar tempo a organizar iniciativas, etc)?*”



As razões que explicam a predisposição dos inquiridos para desenvolverem ou não formas de participação social são matéria de análise aprofundada e complexa que não cabe neste relatório. Contudo, pode valer a pena atentarmos na forma como aqueles que não participam racionalizam o seu próprio comportamento. O quadro 40 mostra que, entre a população em geral, as razões mais invocadas são a falta de tempo e de interesse. No quadro 41, verificamos que as razões invocadas são semelhantes no caso espanhol.

Quadro 40. Motivos para não estar associado¹⁴

(N=1020)	Muito aplicável	Bastante aplicável	Pouco aplicável	Nada aplicável	Ns	Nr	Total
Não estou interessado em pertencer a qualquer associação	30,8	19,7	24,8	17,1	1,4	6,2	100
A pesar de querer colaborar com uma, faltam associações que me motivem	16,3	22,5	26,8	26,3	2,4	5,7	100
Tenho coisas mais importantes para fazer	38,2	26	16,2	12,2	1	6,4	100
Não quero meter-me em problemas	21	17,1	21,3	33,6	1	6	100
Acho que essas coisas não servem para nada	10,1	11,2	32	39,9	1,3	5,5	100
Nunca me ocorreu a possibilidade de participar numa organização	22,5	19,7	23,1	27,4	1,5	5,8	100

Quadro 41. Motivos para não estar associado, Espanha (estudo CIS nº2450 / 2002).

(N=2185)	Muito aplicável	Bastante aplicável	Pouco aplicável	Nada aplicável	Nr	Total
Não estou interessado em pertencer a qualquer associação	36	33,6	18,1	7,4	4,9	100
A pesar de querer colaborar com uma, faltam associações que me motivem	11,3	21,8	36,4	24,4	6,1	100
Tenho coisas mais importantes para fazer	33,3	33,8	17,8	9,7	5,5	100
Não quero meter-me em problemas	16,9	21,9	29,9	25,2	6,1	100
Acho que essas coisas não servem para nada	9,8	14,7	41,6	27,3	6,6	100
Nunca me ocorreu a possibilidade de participar numa organização	25,9	30,8	23,8	14,1	5,3	100

¹⁴ Perguntava-se unicamente as pessoas que tinham afirmado que na actualidade não formavam parte de nenhum tipo de associação. A pergunta no questionário era: "De seguida, vou ler-lhe uma série de razões que as pessoas costumam dar para explicar por que razão não pertencem a associações. Para cada uma delas, por favor, indique-me em que medida é muito aplicável, bastante aplicável, pouco o nada aplicável ao seu caso"



O quadro 42 sugere que não há diferenças entre os jovens adultos e a restante população a este nível. Mas note-se como, entre os que têm menos de 18 anos, a falta de interesse, “nunca ter ocorrido” e “não se querer meter em problemas” têm uma prevalência comparativamente alta.

Quadro 42. Motivos para não estar associado por faixa etária.

		Muito aplicável	Bastante aplicável	Pouco aplicável	Nada aplicável	Ns	Nr	Total
Não estou interessado em pertencer a qualquer associação	15-17 anos	35,8	16,0	30,2	13,2	0,9	3,8	100
	18-29 anos	28,5	18,6	30,7	16,9	1,4	3,9	100
	30-64 anos	25,2	21,1	26,3	19,3	1,3	6,8	100
	65 anos e mais	43,8	19,6	15,2	11,6	1,8	8,0	100
A pesar de querer colaborar com uma, faltam associações que me motivem	15-17 anos	15,1	24,5	32,1	23,6	1,9	2,8	100
	18-29 anos	18,6	28,2	30,7	17,2	1,7	3,7	100
	30-64 anos	17,1	21,1	24,1	28,5	2,9	6,4	100
	65 anos e mais	13,4	22,3	26,8	28,6	1,8	7,1	100
Tenho coisas mais importantes para fazer	15-17 anos	30,2	30,2	14,2	20,8	0,9	3,8	100
	18-29 anos	38,9	25,9	19,4	12,1		3,7	100
	30-64 anos	39,7	27,0	13,6	11,2	1,8	6,8	100
	65 anos e mais	32,1	22,3	22,3	14,3		8,9	100
Não quero meter-me em problemas	15-17 anos	28,3	14,2	17,9	35,8	0,9	2,8	100
	18-29 anos	17,5	15,8	24,8	37,7	0,3	3,9	100
	30-64 anos	20,8	17,8	19,7	33,6	1,5	6,6	100
	65 anos e mais	22,3	17,9	22,3	28,6	0,9	8,0	100
Acho que essas coisas não servem para nada	15-17 anos	6,6	8,5	37,7	43,4	0,9	2,8	100
	18-29 anos	6,8	7,3	35,8	45,1	0,8	4,2	100
	30-64 anos	8,8	11,8	32,2	39,5	1,3	6,4	100
	65 anos e mais	17,9	14,3	24,1	34,8	2,7	6,3	100
Nunca me ocorreu a possibilidade de participar numa organização	15-17 anos	33,0	17,0	30,2	17,0		2,8	100
	18-29 anos	20,0	19,4	26,5	29,3	0,8	3,9	100
	30-64 anos	20,4	18,6	23,0	29,6	1,8	6,6	100
	65 anos e mais	28,6	24,1	16,1	21,4	2,7	7,1	100

Em suma:

- são baixos, do ponto de vista comparativo, os níveis de pertença a associações e de dedicação ao voluntariado em Portugal, com excepção da participação em associações de cariz religioso ou paroquial;
- há uma relevante “juvenilização” da pertença a associações, que não resulta exclusivamente da pertença a associações juvenis ou estudantis ou a grupos desportivos;



Universidade
Católica
Portuguesa



- a razões mais invocadas para a não pertença a associações são semelhantes em grupos etários e em relação às do caso espanhol: desinteresse e falta de tempo.



7. Atitudes em relação a reformas políticas

Outro módulo do questionário incidia sobre as atitudes em relação um conjunto genérico de medidas destinadas a aumentar a participação política e/ou melhorar a “qualidade” do sistema democrático. Em geral, há concordância maioritária com todas as medidas apresentadas: potenciar a presença de mulheres nas instituições políticas; criar novos mecanismos de participação; tornar o sistema eleitoral mais “personalizado” e recorrer mais à democracia directa ou semidirecta. A intensidade dessa concordância é, contudo, decrescente à medida que avançamos de uma proposta para a seguinte, sendo que o recurso aos referendos têm um apoio menos generalizado (mas apesar de tudo ainda grande, como se verifica no quadro 43).

Quadro 43. Apoio a medidas para incrementar a participação¹⁵. Frequências.

	Potenciar a presença de mulheres nas instituições políticas	Criar novos mecanismos para que os cidadãos possam participar nas decisões políticas	Modificar alguns aspectos do sistema eleitoral para permitir que a população possa votar mais pelos candidatos e menos pelos partidos	Consultar mais a população com referendos
N	1888	1846	1787	1841
Concorda completamente	80,0	71,9	61,0	56,4
Tende a concordar	13,3	19,4	23,3	24,6
Tende a discordar	2,9	2,8	5,6	9,4
Discorda completamente	1,6	1,6	2,7	5,1
Ns	1,8	3,8	6,7	3,9
Nr	0,4	1,6	0,7	0,7
Total	100	100	100	100

Recorrendo a um estudo realizado em Espanha em 2005 onde se colocavam exactamente as mesmas questões, verifica-se que o apoio generalizado a estas medidas também existe no caso espanhol. Contudo, duas diferenças emergem: por um lado, a intensidade dessa concordância é menor no caso espanhol; por outro lado, o fenómeno de ligeiramente maior cepticismo em

¹⁵ A pergunta no questionário era: “Das seguintes propostas políticas que lhe vou ler, diga-se me concorda completamente, tende a concordar, tende a discordar o discorda completamente com cada uma delas”



relação ao referendo, quando comparado com outras medidas, existe em Portugal mas não em Espanha.

Quadro 44. Apoio a medidas para incrementar a participação. Espanha (estudo CIS nº2588 / 2005).

	Potenciar a presença de mulheres nas instituições políticas	Criar novos mecanismos para que os cidadãos possam participar nas decisões políticas	Modificar alguns aspectos do sistema eleitoral para permitir que a população possa votar mais pelos candidatos e menos pelos partidos	Consultar mais a população com referendos
Concorda completamente	33,0	30,7	21,9	23,8
Tende a concordar	53,9	53,8	44,1	49,9
Tende a discordar	4,6	4,0	10,6	9,1
Discorda completamente	,6	,3	1,5	1,5
Ns.	6,9	10,5	20,8	14,6
Nr.	1,0	,7	1,1	1,1
Total	100	100	100	100

Em Portugal, a relação entre a idade e as atitudes em relação a estas matérias é ténue ou mesmo inexistente. Por outras palavras, o apoio em relação a estas medidas é difuso do ponto de vista etário. A excepção é o referendo, cuja defesa se relaciona negativamente com a idade: quanto mais jovens, mais apoiantes dos referendos.

Quadro 45. Consultar mais a população com referendos, por faixa etária.

	Faixa etária			
	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais
Concorda completamente	64,4	61,8	58,4	44,2
Tende a concordar	22,7	26,6	23,1	26,9
Tende a discordar	4,1	5,7	9,9	13,0
Discorda completamente	1,0	4,2	5,0	7,2
Ns	5,7	1,4	2,9	7,7
Nr	2,1	,3	,7	1,0
Total	100	100	100	100



Estes resultados não deverão ser estranhos a um padrão invulgar que emerge do quadro 46. Apesar de, em regra, os jovens adultos tenderem a votar menos que os adultos activos, não há diferenças significativas entre a participação do escalão etário 18-29 anos e o escalão 30-64 anos no que respeita à participação no referendo sobre a interrupção voluntária da gravidez realizado em 2007.¹⁶ Independentemente dos juízos que se possam fazer sobre as vantagens e desvantagens do recurso à democracia directa, o facto deste referendo ter exibido padrões distintos do habitual no que respeita à participação dos jovens e em comparação com outros actos eleitorais, ligado ao já mencionado apoio dos jovens à democracia directa, é matéria que merece consideração quando se trata de pensar em reformas institucionais favoráveis à participação política da juventude.

Quadro 46. Participação no referendo sobre a interrupção voluntária da gravidez, por faixa etária (entre os recenseados à data do referendo)¹⁷.

N= 1489	Faixa etária			Total
	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais	
Votou	73,3	73,5	63,2	71,2
Não quis votar	9,2	16,4	24,7	17,0
Não pôde fazê-lo	16,1	8,6	10,0	10,1
Ns/Não recorda	,9	1,3	2,1	1,4
Nr	,4	,2		,2
Total	100	100	100	100

Em suma:

- os portugueses são claramente favoráveis a medidas que aumentem a presença de mulheres na vida política, criem novos mecanismos de participação, personalizem o sistema eleitoral e introduzam mais democracia directa. Esse apoio é mais intenso que no caso espanhol,

¹⁶ Como é habitual, as respostas às perguntas sobre recordação de voto tendem a inflacionar a participação real. Contudo, tendo em conta a ainda elevada abstenção técnica, e não havendo razões para supor que a “sub-declaração” da abstenção é maior entre os mais jovens, os resultados não deixam de ser relevantes.

¹⁷ A pergunta original no questionário era: “Como sabe, toda a gente tem o direito de votar ou de não votar nas eleições e nos referendos, e há muita gente que não vota porque não quer ou porque não pode. No seu caso, votou no referendo sobre a interrupção voluntária da gravidez ou, pelo contrário, não quis votar ou não pode fazê-lo?”



Universidade
Católica
Portuguesa



traduzindo, eventualmente, a maior insatisfação dos portugueses com o funcionamento actual da sua democracia;

- os jovens distinguem-se dos mais velhos ao revelaram-se mais apoiantes da democracia directa, atitude que, em 2007, parece ter resultado em níveis de participação eleitoral acima do habitual entre eles.



8. Alinhamentos ideológicos e partidários

Conforme resulta de muitos outros estudos anteriores, o posicionamento ideológico dos portugueses é eminentemente centrista. Numa escala de 0 a 10, em que 0 significa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita, o posicionamento médio dos portugueses situa-se no ponto central da escala, 5.

Os jovens que respondem a esta pergunta distinguem-se dos mais velhos por adoptarem posições ligeiramente mais à direita, como se verifica no quadro 47. Contudo, aquilo que mais claramente os distingue – especialmente os mais jovens – é a sua maior dificuldade em se situarem deste ponto de vista, fenómeno que certamente não se deverá certamente a menores níveis de instrução ou de capacidades cognitivas para lidarem com este tipo de pergunta.

Quadro 47. Colocação na escala esquerda – direita¹⁸.

	Faixa etária			
	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais
Esquerda	3,6	4,4	6,7	9,1
1		1,9	1,3	1,9
2	1,5	2,2	4,1	4,3
3	5,7	5,7	7,8	5,3
4	2,6	7,2	8,4	6,7
5	27,8	31,6	31,9	30,4
6	7,7	6,6	6,4	4,3
7	6,7	11,8	7,8	7,2
8	3,1	6,3	6,8	4,8
9		2,2	2,0	1,0
Direita	7,7	4,4	4,9	5,8
Ns	30,4	12,6	7,2	11,5
Nr	3,1	3,1	4,7	7,7
Total	100	100	100	100
N	129	536	794	168
Média	5,49	5,30	5,00	4,78
Desv. pad.	2,4	2,3	2,4	2,6

¹⁸ A pergunta o questionário era: “Normalmente, quando se fala de politica, usam-se as expressões “esquerda” e “directa”. Numa escala de 0 a 10 em que 0 é a posição mais a esquerda e 10 a mais à direita, em que posição se colocaria?”.



Uma explicação mais plausível é a de que os mais jovens encaram esta forma de pensar na política como menos válida do que os mais velhos. A ideia é confirmada pelos resultados no quadro 48: pelo menos 2 em cada 3 dos que têm menos de 30 anos acham que esta maneira de pensar na política é pouco ou nada importante, em contraste com os cerca de 50% dos restantes que partilham a mesma opinião. Resta saber, contudo, se estamos perante um efeito de ciclo de vida ou, pelo contrário, perante um efeito geracional, através do qual as novas gerações tendem a encarar a política de forma distinta.

Quadro 48. Importância atribuída a escala esquerda – direita, por faixa etária¹⁹.

	Faixa etária				Total
	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais	
Muito importantes	6,2	8,6	15,9	16,8	14,0
Bastante importantes	14,9	23,4	28,3	22,1	25,4
Pouco importantes	35,1	39,9	31,6	31,3	33,6
Nada importantes	32,0	23,1	20,0	22,1	21,5
Ns	11,3	3,6	2,6	3,4	3,3
Nr	,5	1,4	1,6	4,3	2,2
Total	100	100	100	100	100

O mesmo tipo de dúvida se coloca em relação à identificação partidária. Compreensivelmente, apenas 20% dos que têm entre 15 e 17 anos se conseguem identificar com um qualquer partido. Contudo, a maioria dos jovens adultos posiciona-se da mesma forma, ao contrário do que se passa com a população mais velha.

Quadro 49. Afirmação da simpatia por um determinado partido político, por faixa etária²⁰.

	Faixa etária				Total
	15-17 anos	18-29 anos	30-64 anos	65 anos e mais	
Sim	19,1	44,7	56,9	60,6	53,3
Não	79,4	54,2	41,8	36,5	45,0
Ns	,5	,2	,2	,5	,3
Nr	1,0	,9	1,1	2,4	1,4
Total	100	100	100	100	100

¹⁹ A pergunta no questionário era: “E estas ideias de esquerda e direita, até que ponto são importantes para si?”

²⁰ A pergunta no questionário era: “Em geral, considera-se simpatizante de algum partido político?”.



Conclusão

Na 33ª sessão comemorativa do 25 de Abril de 1974, o Presidente da República Portuguesa, Professor Aníbal Cavaco Silva, manifestou no seu discurso a preocupação com os relativamente escassos níveis de participação política dos jovens portugueses e o seu eventual alheamento das instituições públicas. Apesar de manifestar confiança nas capacidades empreendedoras e de liderança artística e cultural dos mais jovens, não deixou de assinalar a incapacidade das actuais lideranças políticas para mobilizar os jovens para um “envolvimento mais activo e participante na vida política”.

Os dados disponíveis nos estudos sobre esta matéria realizados até ao momento certamente autorizam essa preocupação, mostrando baixos níveis de envolvimento e interesse pela política em Portugal. Contudo, o diagnóstico da situação exige dois tipos de comparação adicional. Por um lado, devemos ver até que ponto as atitudes e os comportamentos dos jovens portugueses são de facto diferentes – no sentido de baixa participação e reduzido envolvimento políticos – daqueles que caracterizam o resto da população adulta. Por outro lado, devemos apreciar em que medida os indicadores ligados à participação política em Portugal – e nomeadamente a participação dos jovens – se situam em relação aos dos restantes países europeus.

Os resultados do presente estudo confirmam muito daquilo que já se sabia de estudos anteriores. Evidenciam-se, em particular, os comparativamente baixos níveis de envolvimento atitudinal, participação política e participação social e cívica dos portugueses, quando comparados com os prevalentes dos países da nossa área geo-cultural. Sob vários pontos de vista, os portugueses estão mais perto a este nível dos resultados encontrados nas novas democracias da Europa de Leste do que daqueles que prevalecem na generalidade dos países da Europa Ocidental. A isto deve acrescentar-se a prevalência de comparativamente baixos níveis de satisfação com o funcionamento do regime democrático, indicadores que sabemos serem sensíveis do desempenho económico mas que (por isso mesmo), se mantêm a níveis baixos em Portugal há já mais de uma década, após um pico atingido na viragem dos anos 80 para os anos 90. Essa insatisfação parece relacionar-se também com uma predisposição a apoiar “reformas profundas” ou mesmo “mudanças radicais” na sociedade portuguesa. Mas



nem por isso se evita um aparente paradoxo: essa predisposição para a mudança não se traduz numa predisposição para o envolvimento e para a participação cívica e política.

Dito isto, os resultados deste estudo também permitem uma leitura menos pessimista. Essa leitura é, precisamente, a que resulta de um confronto entre as atitudes e comportamentos dos jovens com os que prevalecem no resto da população. Uma das teorias mais bem sucedidas para a explicação do grau de envolvimento e participação políticas é a que detecta uma relação curvilínea entre elas e a idade. Os primeiros seriam mais baixos junto dos indivíduos mais jovens, aumentando progressivamente até voltarem a diminuir novamente junto dos mais idosos. A explicação convencional é a ligada aos efeitos de ciclo de vida, e em particular a fases “start-up” e “slow-down” de envolvimento político: enquanto os mais jovens estão ainda numa fase de mobilidade social e instabilidade profissional, assim como em percurso de aquisição de competências políticas, os mais idosos, por razões de afastamento em relação à vida profissional mas também por razões fisiológicas (fadiga, doença, imobilização) tendem também a participar menos na vida política.

Os nossos resultados mostram que, de facto, esse padrão se verifica, **mas apenas na medida em que incluímos os jovens com menos de 18 anos na análise.** Quando comparamos os jovens adultos – entre os 18 e os 29 anos – com os mais velhos, são raras as circunstâncias em que esses jovens adultos não exibem predisposições e comportamentos participativos semelhantes ou até mais elevados do que o resto da população activa. Isto afecta, por exemplo, as comparações que se possam fazer entre Portugal e os restantes países da nossa área geo-cultural no que respeita ao interesse pela política – em que os jovens adultos portugueses escapam aos últimos lugares internacionais quando comparados com os seus congéneres. Tem manifestações adicionais no grau mais elevado de eficácia que atribuem a quase todas as formas de participação política, convencionais ou não convencionais, quando comparados com os mais velhos. E também na real participação no voluntariado e na vida associativa, mas intensa do que se verifica nos restantes activos e não limitada ao associativismo juvenil ou desportivo. O voto é, certamente, um modo de participação a que os jovens atribuem menos eficácia e, efectivamente, tendem a praticar menos. Mas não é seguro que isso se verifique em todas as circunstâncias: este estudo sugere que, no que respeita ao referendo sobre a despenalização da gravidez, os jovens poderão ter participado tanto ou mais



do que os mais velhos. E se votam de facto menos noutros actos eleitorais, isso pode estar ligado à sua maior dificuldade em se identificarem com a oferta partidária existente e com as categorias nas quais o combate político e ideológico é (ainda) travado, e não tanto ao facto de estarem mais alheados da vida cívica do que o resto da população.

Finalmente, é interessante verificar a predisposição altamente favorável mostrada por toda a população para a introdução de reformas políticas e institucionais que possam aumentar e diversificar os modos de participação política, especialmente quando directamente comparada com o caso espanhol: mais favorável entre a população portuguesa em geral, e especialmente entre os jovens. Evidentemente, isto nada nos diz sobre qual poderia ser a sua opinião sobre as maneiras concretas de colocar em prática semelhantes reformas, se seriam realmente receptivos a elas, se elas seriam sempre intrinsecamente desejáveis ou se produziriam sempre efeitos positivos. Mas sugere, pelo menos, uma cidadania consciente dos défices de participação e envolvimento político na sociedade portuguesa e das suas consequências potencialmente nefastas para a qualidade da nossa democracia.